



MEMÓRIAS NARRADAS SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: PRODUZINDO SENTIDOS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

O trabalho de iniciação científica apresentado teve como intuito recuperar experiências vividas pelas estudantes de Pedagogia no campo da Avaliação Educacional, e verificar que sentidos produzem sobre suas experiências após estudarem o tema na disciplina “Avaliação”, ministrada no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação, em 2019. É parte do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC) da UNICAMP, financiado pelo CNPq e compõe o projeto de pesquisa intitulado “Narrativas de Formação na Escola e na Universidade: teorias e práticas”, financiado pelo CNPq, que envolve várias instituições de ensino superior, cujo objetivo é compreender e sistematizar como a produção de narrativas em processos de formação (inicial e continuada) evidenciam as experiências formativas dos participantes da pesquisa, entendidos como sujeitos da experiência da (e com a) escola.

Para o seu desenvolvimento foi realizada uma pesquisa narrativa. No primeiro dia de aula da disciplina as estudantes foram convidadas a escrever uma experiência no campo da avaliação vivida no ensino fundamental, portanto ainda não tinham tido contato com os estudos teóricos deste campo temático. Ao final da disciplina houve a entrevista e escrita de nova narrativa com as estudantes escolhidas com o intuito que se posicionassem sobre como resignificavam a experiência registrada no início da disciplina. Das narrativas inicialmente produzidas na disciplina, escolhemos 11 estudantes para participarem da pesquisa. Em função da pandemia de COVID 19 que provocou o distanciamento social a partir de março de 2020, conseguimos acesso à 6 estudantes para a continuidade da pesquisa. Importante ressaltar que a pandemia fez também com que refletíssemos sobre sua influência em suas experiências avaliativas neste contexto de formação inicial de forma remota.

No campo da pesquisa narrativa, partimos do princípio que o trabalho realizado contempla o que Lima, Geraldi, Geraldi (2015) chamam de narrativas de experiências planejadas para serem pesquisadas porque os textos produzidos pelas estudantes foram objeto de reflexão na disciplina e também na pesquisa. Também contempla o que os autores chamam de narrativas de experiências do vivido porque é uma experiência significativa na vida bolsista de iniciação científica, graduanda de Pedagogia, que em primeiro momento narrou o que viveu como estudante da educação básica, compreendendo que o assunto em questão (memórias no contexto da avaliação) a afetava por produzir sentidos a partir de sua memória



narrada; assim como, narra a experiência de acompanhar a escrita narrativa das estudantes de Pedagogia. Como lembram os autores, destas experiências são retiradas lições do vivido.

Importante frisar que reconhecemos a importância de tomar as experiências vividas pelos estudantes no campo da avaliação para que possamos questioná-las na relação com os estudos realizados, além de proporcionar outras experiências avaliativas. É neste sentido que são explicitados alguns lugares de onde partimos sobre o tema avaliação educacional. Compreendemos que o papel da avaliação no contexto escolar deve ser o de construir elementos para a reflexão do trabalho pedagógico realizado, bem como retomada dos processos de ensino/aprendizagem mediadas por contextos diversos. Ao defender a avaliação como instrumento de reflexão Esteban (2003) argumenta que ela contribui para que o professor se torne cada vez mais capaz de recolher indícios e colaborar na ampliação dos níveis de aprendizagem. Logo é uma avaliação formativa que tem como princípio a prática de investigação. O que vemos como prevalência de avaliação no interior da escola é uma avaliação como mecanismo de controle que está em diálogo com a própria forma escola (FREITAS, 2010). E as consequências desta avaliação nos sujeitos é a promoção de personalidades submissas, não autônomas, para culpabilização individualizada, fracasso escolar e social, no lugar de simplesmente auxiliar a aprendizagem. Estas consequências são trazidas pelas estudantes do curso de licenciatura em Pedagogia e marcam sua forma de se relacionar com o conhecimento da formação inicial e com o seu futuro campo de atuação, a escola.

Dentro deste contexto temos nos preocupado como conduzir um trabalho pedagógico em que os futuros professores tomem conhecimentos das reflexões no campo dos estudos sobre avaliação, mas também que os levem a rever suas formas de conceber as consequências de diferentes formas de avaliação na sua vida e consequentemente em suas futuras práticas. Torna-se importante ouvi-los, porque suas vivências são a realidade escolar brasileira, que é repleta de um ensino tradicional, que não vê o estudante como sujeito. A partir desta escuta é possível entender como é a forma escolar vigente, para que se possa questioná-la e pensar caminhos que rompam com a educação com a avaliação reducionista. Esta escuta das narrativas também nos move pelo campo da responsabilidade e responsividade da escuta em processos formativos, como lembra Prado e Serodio (2015).

Derivada das narrativas escritas, das entrevistas realizadas, vários temas emergem e lições são tiradas. A estudante Carla nos remete à sua experiência narrada em que naturaliza a presença da competição na escola “quase toda a prova era eu em uma batalha interna entre



fazer tudo da melhor forma e acabar rápido”. Ela diz de como revisitou a sua experiência e sua crença, quando estudou e viveu alguns princípios de Freinet na disciplina. Vale ressaltar que ao longo da disciplina, inserimos alguns instrumentos da Pedagogia Freinet, como o plano individual de trabalho e autoavaliação como instrumentos de potencialização da autonomia no aprendizado. Outra estudante se remeteu ao processo de exclusão decorrente da sua condição de estudante negra. Remete-se ao fato que, depois da disciplina cursada, sua memória foi potencializada para refletir sobre o quanto sentia a cobrança para sempre “tirar 10”, registrada com muita emoção na primeira narrativa e retomada no segundo momento. Passa a perceber que, pelo fato de ter sido uma das únicas garotas negras na escola que estudava, da rede privada, teve que tomar esta condição como “combustível social” (Estudante Madalena) para que reforçasse seu lugar naquele espaço. O fato da pesquisa ter se realizado também no contexto do distanciamento social, fez com que o assunto tomasse corpo nas entrevistas e nas narrativas. Madalena indica que ter que passar por esta situação de fragilidade, em condições adversas para realizar os estudos remotamente na Universidade, fez com que ela se tornasse mais empática à situação das crianças e seus contextos de aprendizagem em tempos de pandemia e fora dele, o que é um exemplo desse movimento de visitar sua narrativa, e parar e pensar nos sentidos produzidos das discussões de avaliação relacionados com a formação docente.

[...]

Falar em avaliação nesse momento em que passamos requer muito mais sensibilidade do que antes, pois ao perceber nossa própria fragilidade, nos tornamos mais empáticos para entender a dos outros também. E entender que o rendimento de um aluno diz muito sobre como ele (em conjunto com a família) vem se adaptando a tudo que ocorre, e que as mudanças repentinas podem causar estranhamento de início. Como dar nota “vermelha” a um aluno, se não sabemos o quanto ele batalhou para conseguir tal rendimento? Essa pergunta se aplica para antes, durante e depois da pandemia. Estamos avaliando o aprendizado, mas esta é uma esfera perpassada por muitas outras que devem ser consideradas.

[...]

- Madalena

Algumas lições são tiradas: as singularidades das narrativas dialogam com contexto sociais amplos; as memórias sobre avaliação deixam marcas que mostram processos de



exclusão e de naturalização de formas de ser no mundo; a possibilidade de construir uma escuta alteritária pela reflexão do que foi a experiência de viver avaliações em contexto de pandemia.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Pesquisa narrativa. Formação inicial de professores.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M. T. (org.). Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREITAS, L. C. "Avaliação: para além da forma escola", In EDUCAÇÃO: Teoria e Prática - v. 20, n.35, jul.-dez.-2010, p. 89-99.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. Educação em Revista. vol 31. no 01. Belo Horizonte. Jan-mar 2015. p. 17-44.

SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo Prado. Metanarrativas bakhtinianas: uma etapa dos estudos do GRUBAKH. In: PRADO et all. Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos:Pedro&João, 2015.